

O ESTUDO DA PASSIVA EM GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Lorena Santana Gonçalves (UFES)

ls.goncalves@hotmail.com

Letícia Mazzelli Lourenço Rodrigues (UFES e UFF)

lemazzelli@hotmail.com

1. Introdução

Partindo de uma concepção de linguagem interacionista, em que a língua é vista como lugar de ação de membros de uma mesma sociedade, como mecanismo pelo qual os indivíduos interagem socialmente; esta pesquisa vai de encontro às correntes linguísticas que consideram a linguagem como expressão do pensamento ou como meio de comunicação de um código. Isso porque, acredita-se, aqui, que a linguagem é um fenômeno relacionado à atividade sociocultural, que representa os lugares sociais dos membros enunciativos de uma determinada comunidade.

Nesse contexto, uma ampla variedade de enunciações pode ser feita pelos indivíduos, de acordo com a esfera social em que estão atuando, dando origem a mais um item da pauta dos estudos linguísticos: os gêneros textuais.

O falante de determinada língua pode produzir diferentes formas de textos, tanto na oralidade quanto na escrita, em contextos completamente diferentes. Esses textos são para a academia denominados gêneros textuais.

Trask (2006, p. 123) classifica gênero como

uma variedade de texto historicamente estável, dotada de traços distintivos evidentes. [...] É próprio de cada gênero que a forma exterior de expressão seja de vital importância, pelo menos quanto ao conteúdo.

Koch & Elias (2006, p. 106), da mesma forma que Trask (2006), afirmam que “todo gênero, em sua composição, possui uma forma, além de conteúdo e estilo”. Considera-se importante contrapor essas concepções à de Crystal (2000); o autor não discorre sobre gêneros textuais em seu dicionário, porém ao tratar de texto, mostra que possui um pressuposto teórico acerca do assunto errôneo: em vez de dizer “gêneros textuais” utiliza “tipos textuais” na asserção “tipos textuais, tais como sinais de estrada, relatórios de notícias, poemas, conversas, etc.” (CRYSTAL, 2000, p. 254)

Para Koch e Elias (2006) – e hoje é um consenso entre os pesquisadores de gênero –, o que Crystal (2000) denomina *tipos textuais* na verdade são *gêneros textuais*, assim como as tirinhas, as crônicas, as *charges*, a fábula, a piada, o artigo científico, o editorial, o artigo argumentativo etc.

A expressão “gêneros textuais” se refere a textos materializados em situações comunicativas recorrentes e, por isso, apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdo temático, propriedades funcionais, estilo e composição característicos. Diferentes dos “tipos textuais” que designam uma forma de construção teórica definida pela sua composição, pela natureza linguística, pelas relações lógicas, lexicais, temporais e sintático, como exemplo pode-se citar a narração, argumentação, exposição, descrição e injunção.

Numa suposta tentativa de fazer com que o aluno consiga assimilar o vasto leque de gêneros textuais em que está inserido, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) propõem que o aluno tenha ao final do Ensino Médio a capacidade de leitor efetivo dos mais diversos textos representativos da nossa cultura. Isso porque

o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências que possam ser mobilizadas nas inúmeras situações de uso da língua com que se depara, na família, entre amigos, na escola, no mundo do trabalho.

Dessa forma, na aprendizagem da língua materna é necessário o desenvolvimento de três competências: interativa, textual e gramatical. Assim, o aluno estará vivenciando a linguagem a partir do funcionamento social da língua e a partir das formações discursivas, conseguindo, por isso, conciliar a relação entre funcionamento e a organização da linguagem na vida diária.

Numa tentativa de se coadunar com os PCNEM, neste artigo busca-se fazer uma abordagem funcionalista – estudar a estrutura gramatical na situação real de comunicação –, ou seja, observar questões gramaticais em gêneros de circulação social. Apresenta-se então, como proposta, o estudo da voz passiva a partir de textos veiculados em jornais de circulação do Espírito Santo.

Para alcançar esse objetivo, este estudo está dividido em quatro etapas: Primeiramente, será feita explanação sobre o suporte jornal, uma vez que se concretiza como um material de circulação pública com o qual os indivíduos têm mais possibilidade de interagir; posteriormente, serão

apresentados alguns postulados sobre a voz passiva em gramáticas normativas, livros didáticos e gramáticas feitas por linguistas; Na terceira etapa, será iniciada a análise propriamente dita, será observada a voz passiva presente em gêneros textuais veiculados jornais do Espírito Santo. Como forma de delimitação do *corpus*, foram selecionados os cadernos de notícias do mundo e notícias policiais dos jornais *A Gazeta*, *A Tribuna* e *Notícia Agora*, do dia 23 de outubro de 2008. Dessa maneira, será observada a forma como a passiva é utilizada e, se há uma explicação para o seu emprego. Para finalizar, serão apresentadas as considerações feitas acerca desse estudo.

2. *Um pouco sobre jornal*

De acordo com Faria (1994) o jornal surgiu na França no século XV com a editoração de *Gazette France* pelo jornalista Théophraste Renaudo, que pretendia comunicar os fatos com certa emotividade, o que não agradava muito aos leitores. Apenas no século XIX, com a ampliação da comunicação jornalística, surgiu a objetividade no jornal: as notícias agora davam destaque ao referencial numa linguagem impessoal. Faria cita Paillet para explicar que foi nesse momento que “nasceu definitivamente a informação com pretensões de neutralidade, factual, desprovida de conotações ideológicas ou partidárias” (FARIA, 1994, p. 48).

De acordo com Faria (1994), Paillet apresenta o jornal como detentor de duas formas de linguagem: a da notícia, que apresenta discurso referencial dos fatos, e a jornalística, que apresenta linguagem crítica, ideológica, adotada pelo jornal. É importante, para Paillet, que o leitor esteja atento a essas formas de linguagem presentes no jornal, “para que não caia em armadilhas do texto ideológico” (FARIA, 1994, p. 48).

Ao observar a questão da linguagem jornalística, Faria (1994) se apoia na proposição de Lage para explicar que o ideal é “conciliar a comunicação eficiente e a aceitação social, o que na prática reúne tudo o que é possível no registro coloquial e aceito no registro formal” (FARIA, 1994, p. 51). Assim, é função do jornalista equilibrar os dois tipos de linguagem nesse, chamado por Marcuschi, *continuum* oral/escrito. Outra questão de importância que Faria observa na proposta de Lage abrange a questão da sintaxe da linguagem jornalística: ela se apresenta de forma simples e discreta, numa tendência a eliminar a relação de causa e efeito, além do corrente uso de palavras e expressões que levam ao uso do recurso indireto.

3. *Postulados sobre voz passiva*

De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), a questão que concerne à voz passiva deve ser abordada em dois momentos: primeiramente, quando forem tratadas as vozes verbais, em morfologia, devendo a passiva ser explicada tanto com o auxiliar, como com o pronome apassivador. Posteriormente, a questão da passividade verbal é retomada em sintaxe, ao serem tratados os “termos integrantes da oração”, entre os quais está agente da passiva.

Ao se observar as gramáticas normativas de Rocha Lima (2008) e Bechara (2006), pode-se perceber que as duas seguem essa mesma divisão de conteúdo da NGB, e em pouco se discernem dela no que se refere a forma de abordagem desse conteúdo.

Rocha Lima (2008) explica que o verbo na voz passiva é construído com o verbo auxiliar *ser*, conjugado em todas as suas formas, seguido do particípio do verbo que se quer apassar. O agente da passiva é, segundo o gramático, o complemento que, na voz passiva com auxiliar *por* ou *de* (também chamada voz passiva analítica), representa o ser que pratica a ação verbal.

Para Bechara (2006) a voz passiva é formada, além do verbo *ser*, como defende Rocha Lima (2008), pelo verbo *ser*, *estar* ou *ficar* seguido de particípio. Ela é a forma verbal que indica que a pessoa – que apresenta traço semântico animado ou potente – é objeto da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se paciente da ação verbal, como em:

A carta é escrita *por* mim
O primo foi visitado *por* ti
A árvore será plantada *por* nós

Outra questão ressaltada pelo gramático é a diferença entre voz passiva e passividade. De acordo com ele, voz passiva é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação:

Ele foi visitado pelos amigos
Alugam-se bicicletas

Já passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. Ela pode traduzir-se, além da voz passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo. Portanto nem sempre a passividade corresponde a voz passiva:

Os criminosos receberam o merecido castigo

Quanto ao agente da passiva, Bechara (2006) afirma que é um tipo de termo argumental não obrigatório, caracterizado por ser um termo preposicionado marcado pela preposição *por* e *de*, com verbos empregados como transitivos diretos na chamada voz ou construção passiva:

Os exercícios foram feitos por José.
O réu é condenado pelo júri.

Esse complemento de agente pode ser opcional:

Os exercícios foram feitos
O réu foi condenado

Para ele, a gramática tradicional põe o agente entre os complementos verbais por causa do seu relacionamento com o sujeito: na transformação da passiva à ativa, o complemento paciente passa a ser agente ao apresentar função sintática de sujeito.

O autor afirma que nem todo termo introduzido pela preposição *por* funciona como complemento do agente, principalmente quando não apresenta traço animado, referente a alguma coisa, quando deve ser classificado como adjunto circunstancial de causa ou meio. Neste caso, o *por* é comutável por outra preposição (*com*, por exemplo) ou locuções prepositivas (*por causa de*, *por meio de* etc.). Exemplo:

Ficaram aborrecidos pelas falsas promessas.
Ficaram aborrecidos com (por causa de) as falsas promessas.

Bechara (2006) explica que a construção dita “passiva pronominal” ou “passiva reflexiva” (“passiva sintética”) não se acompanha, no português contemporâneo, do complemento de agente, como acontece na chamada construção passiva com auxiliar + participio, exemplo:

Vendem-se casas.

Por fim, o complemento de agente pode aparecer junto a substantivo ou adjetivo constituído por um signo léxico referido a um processo ou ação (assalto, vitória, derrota, etc.).

O assalto *pelo primeiro batalhão* foi decisivo.

Já nos livros didáticos escolhidos para esse trabalho, observa-se a mesma visão sobre a voz passiva da NGB e das gramáticas normativas; apresentam, porém, o conteúdo de forma mais detalhada, diferenciando e denominando os diferentes casos de voz passiva, numa tentativa de alcançar um leitor que desconhece sobre o assunto; para esse artigo, cita-se apenas o livro didático de Mesquita (1996).

Mesquita (1996), em seu manual, explica que a voz passiva é construída com o verbo auxiliar *ser*, *estar*, *ficar* ou outros que as gramáticas normativas não citam, – como viver – normalmente conjugado, seguido do particípio do verbo principal. O autor salienta que o verbo principal sofre sempre alterações de gênero e número, de acordo com a pessoa gramatical a que se refere.

Elas serão abençoadas pelo padre.

De acordo com o autor, o termo que pratica a ação na voz passiva é intitulado *agente da passiva*, que em geral apresenta-se acompanhado por preposição *por* ou *de*.

Agora a casa está cercada de leões de fogo (Cecília Meireles)

A carta foi entregue à moça pelo carteiro.

Nota-se aqui uma diferença em relação aos gramáticos Bechara (2006) e Rocha Lima (2008), pois Mesquita (1996) intitula de agente da passiva – “pela dor” e “de leões de fogo” – o que os gramáticos consideram adjunto circunstancial de causa, pelo fato de o agente não ser animado.

Para Mesquita (1996), apenas os verbos transitivos diretos e indiretos admitem a voz passiva, visto que apenas orações na voz ativa com objeto direto podem ser transformadas em orações na passiva. Assim, em ambas as vozes o agente e o paciente continuam sendo os mesmos termos, mudando apenas a função sintática.

Para finalizar os postulados acerca da passiva, considera-se importante citar Ignácio (2003), pois, em seu trabalho, o autor se restringe apenas à questão do agente da passiva fazendo uma crítica, uma vez que, de acordo com ele, a NGB, na tentativa de simplificar, incluiu como Agente da Passiva, ou seja, o elemento responsável, direta ou indiretamente, pela ação verbal da passiva, termos que, na verdade, não têm a função de Agente, ora são complementos de causa, ora são de Instrumento:

A lei foi vetada pelo *Presidente* (Agente propriamente dito)

A casa foi destelhada pelo *vento*. (Complemento de Causa)

O ventre do animal foi cortado por *uma navalha*. (Complemento de Instrumento).

A partir desse postulado por Ignácio (2003), é interessante observar que apenas os livros didáticos seguem essa linha da NGB de trans-

formar os complementos em Agentes da Passiva, os gramáticos a ignoram essa questão (cf. IGNÁCIO, 2003).

4. Os gêneros jornalísticos e a voz passiva

Finalizada essa abordagem feita sobre como a voz passiva é concebida segundo diferentes teóricos, parte-se agora para a análise de como essa voz é utilizada em gêneros veiculados no suporte jornal. Para isso, foram selecionadas algumas notícias contidas nos cadernos de notícias policiais e notícias do mundo em três jornais de circulação do estado do Espírito Santo, veiculados no dia 23 de outubro de 2008.

Pôde-se perceber que nos cadernos analisados, a estrutura de passiva que é utilizada é predominantemente a de passiva analítica, não havendo ocorrência de passiva sintética em nenhum momento. É interessante observar que, mesmo sendo apenas essa estrutura, percebeu-se diferentes variações de seu uso, dentre os quais pode-se destacar o uso da voz passiva analítica padrão, em que a estrutura é formada pelo verbo auxiliar SER + verbo principal participípio passado + agente da passiva animado:

Às 21 horas de terça-feira, Josenei, sua mulher e a amiga dela **foram** **abordados por dois homens armados.** (*Caderno Policia, A Tribuna*)

Encontrou também a voz passiva analítica com o agente não animado:

A motivação e a autoria do assassinato **estão sendo investigadas pela** **Secretaria de Justiça** (*Caderno Policial, Notícia Agora*)

Outro formato da voz passiva de interesse encontrado, foi a estrutura em que é utilizado o *verbo auxiliar SER + verbo principal participípio passado + agente da passiva animado composto*:

O técnico caminhou até o desconhecido, disse ser o dono do carro e **foi morto por ele e por outro criminoso** (*Caderno Dia a dia/ Segurança, A Gazeta*)

A estrutura *verbo auxiliar SER + verbo principal participípio passado + conjunção aditiva + verbo no participípio passado + agente da passiva animado composto*, também é outra estrutura não apresentada pelos livros, mas encontrada em jornal:

O preso **foi esquartejado e decapitado por internos do Pavilhão 3-A**” (*Caderno Policial, Notícia Agora*)

Complementado o exemplo acima, a mesma estrutura é utilizada, porém, sem a presença do agente da passiva:

“Mulher é *algemada e morta* na Fonte Grande”.

5. Considerações finais

Ao se analisar o uso da passiva nos jornais de circulação no estado do Espírito Santo, pode-se perceber a utilização dessa estrutura para criar uma notícia voltada para o âmbito emotivo, na tentativa de prender a atenção do leitor pelo viés emocional. Assim, a notícia é dada em forma de narrativa, apelando para o imaginário do leitor, que vive emocionalmente a história, acompanhando, assim, os detalhes do acontecimento.

As notícias analisadas, criadas nesse estilo, são todas relacionadas à violência - assassinatos, roubos, estupros, sequestros, etc. Esse desejo de ler o que é considerado catastrófico pode, também, ser para satisfação de certo sadismo dos leitores que, com o desejo de ler o que é diferente do habitual, satisfazem-se com esse tipo de leitura.

Devido a essa necessidade humana de ler notícias sobre violência e, à constante presença do recurso narrativo na estruturação delas, pode-se constatar no caderno policial e no caderno mundo grandes acervos da voz passiva e, por isso, um interessante material para o trabalho funcional dessa estrutura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Antônio Suarez. *Gramática mínima*: Para o domínio da língua padrão. 2. ed. Cotia: Ateliê, 2006.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: ensino médio/Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC/SEF, 1999.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Gramática reflexiva*: Texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRYSTAL, David. *Dicionário de linguística e fonética*. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FARIA, Maria Alice. *O jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1994.

IGNÁCIO, Sebastião Expedito. *Análise sintática em três dimensões*. São Paulo: Ribeirão, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1996.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. Trad. Rodolfo Harri. São Paulo: Contexto, 2006.